

# Tradições das raízes de matrizes africanas

» LEILA LIMA

Mãe Leila, mestra Auaracyara, servidora pública, sacerdotisa da Ordem Inicial da Cruz do Cruzeiro Divino no DF e da Casa Luz de Yorimá



que até hoje não foi restaurada. Ao todo, são cinco estátuas depredadas. Vale destacar que o local é patrimônio tombado, mas se encontra abandonado pelo poder público.

O Distrito Federal tem 330 terreiros de religiões de matriz africana. O mapeamento dos terreiros foi realizado em 2018 numa

parceria entre a Fundação Palmares, o Ministério da Cultura e a Universidade de Brasília. Busca-se com isso desenvolver políticas públicas para os terreiros e combater a intolerância religiosa.

A capital do país tem uma longa lista de ataques a terreiros de umbanda e candomblé. Em 2015, três terreiros foram depredados, o ataque mais grave foi no terreiro Ylé Axé Oyá Bagan, da yalorixá Mãe Baiana, incendiado na madrugada do dia 11 de novembro. No entanto, acredita-se que haja uma subnotificação e que o número seja superior ao informado.

Para Mãe Baiana de Oyá, é fato que o medo toma conta das comunidades de terreiro, e também um certo cansaço histórico. “Todo ano é a mesma página, escrita da mesma forma (...)” “O povo de terreiro está cansado, tanto que não procura mais a Justiça. É o cansaço de não ser atendido, de não ser visto.”

Em abril de 2020, o ataque a uma sacerdotisa veio de Sérgio Camargo, então presidente da Fundação Palmares. Após referir-se ao movimento negro como “escória maldita” e “vagabundos”, ofendeu Mãe Baiana e representantes das religiões afro-brasileiras. Na oportunidade, nessa casa, a Ordem Inicial da Cruz do Cruzeiro Divino, ao mesmo tempo em que repudiou as afirmações racistas de quem deveria encabeçar a luta contra a discriminação racial no país, lançou a campanha “Somos todos Mãe Baiana — antifascista”.

O governo do presidente Lula traz esperança ao povo de santo. Tão logo tomou posse, Lula sancionou a lei que aumenta a pena para o crime de injúria racial. Com a nova lei, o crime de intolerância religiosa e racismo passa a ser punido com reclusão de dois a cinco anos, punição que será dobrada em caso de reincidência. Antes, a punição era de um a três anos.

A nova legislação se alinha ao entendimento do Supremo Tribunal Federal que, em outubro passado, equiparou a injúria racial ao racismo, crime inafiançável e imprescritível. Pela nova lei também será punido o crime de racismo praticado na internet e nas redes sociais. Agora é esperar que, com leis mais rigorosas e as benções de todos os orixás, o abjeto crime de racismo seja finalmente extirpado do país.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Política como arte do amparo

É certo que a arte de fazer política, na verdadeira acepção da palavra, não é exclusividade dos políticos profissionais. Na realidade, muitos desses políticos que aí estão não entendem o que vem a ser a verdadeira política. Se entendem, não a praticam, preferindo exercer um cargo de status para dele retirar e desfrutar as benesses para si.

Exercem mandatos, tendo em mira objetivos egoístas, como o enriquecimento material e a satisfação do ego. Auxílios que são bancados com o suor do povo brasileiro e que, em outros países, são absurdos e inimagináveis.

Muitos brasileiros comuns, afastados das luzes dos holofotes e dentro das limitações que lhes são próprias, exercem, às vezes, sem saber, a práxis política em toda a sua inteireza e com grande galhardia, sem disso retirar proveito próprio ou buscar satisfação para o sempre enganoso ego. São cidadãos desconhecidos, espalhados por todo esse imenso país, que têm, no seu dia a dia, o costume e o caráter de se entregar espontaneamente em favor do próximo, realizando pequenos trabalhos que resultam sempre no desenvolvimento de sua comunidade.

Nem mesmo a falta de recursos desanima esses brasileiros de exercer uma função social, realizando o que pode ser definido como verdadeira política. No início da construção de Brasília, muitos daqueles que para aqui vieram se estabelecer, em busca de uma vida nova, tinham como prática normal a ajuda aos novos candangos que chegavam, auxiliando-os na busca de empregos, de alojamento e outras necessidades. Essa era uma prática constante e muito comum que ajudou a cidade no fortalecimento dos seus laços sociais.

Nessa época, não importava a função exercida pela pessoa, todos se amparavam, pois sabiam no fundo, que a concretização definitiva da capital só seria possível se todos se irmassem num objetivo comum. Realizavam assim a verdadeira política, fortalecendo a cidadania. A fundação da capital teve nesse alicerce humano seu mais significativo pilar.

Também eram tempos diferentes e em que os escândalos políticos, mesmo por sua insignificância, comparados aos de hoje, pareciam ter ficado para trás, na antiga capital, o Rio de Janeiro. Por essas bandas, perdidas no interior do Brasil, buscavam os migrantes não apenas uma nova capital material, mas, sobretudo, um novo homem e mulher brasileiros capazes de deixar para as próximas gerações um país reformado e fundado no seu sentido moral e ético.

Milhares dessas histórias podem ser aqui mencionadas, contando as dificuldades daquela época e como as pessoas comuns ou nem tanto, se apoiavam mutuamente para fazer frente a esses desafios. Exerciam assim, a política que interessa e que produz resultados reais. Muitos também que estão hoje em posição de destaque nessa cidade, podem testemunhar o quão foi preciso a ajuda recebida e a mão solidária daqueles idos dos anos sessenta.

Da mesma forma, aqueles anelados benfeitores não faziam alarde de sua atuação em prol de seus semelhantes. Não vale aqui citar nomes, até para não ter que cometer a injustiça de deixar outros personagens de fora. Mas do que vi e vi nesse tempo de colonização do Centro-Oeste, deixo aqui o testemunho real e sem fantasias, de quanto o meu pai, jornalista, fundador deste jornal e desta, talvez mais antiga coluna do mundo, fez por Brasília e, principalmente, por sua gente, defendendo a cidade para que não fossem perdidos seus princípios norteadores, angariando com isso muitos admiradores e, obviamente, alguns detratadores também.

Lembro-me de ter presenciado, por diversas vezes, sua sala de trabalho no jornal, abarrotada de pessoas que buscavam amparo de todo o tipo. Todos recebiam sua atenção. Ao passear com Ari Cunha, estava acostumada a fazer o mesmo percurso que os outros por mais tempo. Todos queriam conversar com ele, dar sugestões de nota, agradecer pelo que ele havia escrito.

Uma multidão se aglomerou no cemitério, ao contrário do que ocorrem com o velório dos políticos profissionais, quando a multidão vai ao cemitério apenas para se certificar de que o político morreu mesmo. Na despedida, todos da família ouviram o quanto ele ajudou. O primeiro emprego, a bronca que transformou a vida, o terno dado para que o repórter pudesse cobrir o parlamento, o inimigo de suas palavras confessando hoje, que Ari Cunha tinha razão. Assim, não foram poucos os que ajudou a dar os primeiros passos na cidade. Exercia a política sem ser político, apenas cidadão. Nunca fez alarde dessa sua atuação e nunca buscou proveito próprio para si ou os seus. Sabia, por experiência, que jamais deveria ficar devendo algo a alguém, pois entendia que essa liberdade lhe dava o direito de criticar as autoridades. Não devia favores, prestava, isso sim muitos favores e isso lhe dava alegria.

Ainda hoje não são poucos os leitores e não leitores que conversam conosco reconhecendo o amparo e ajuda recebida de meu velho pai. Nunca quis nada em troca. Não aceitava bajulações. Recebeu muitas medalhas em vida. Respeitava as homenagens, mas isso não lhe tirava o ego do lugar, nem alterava o tamanho. Morreu sem dívidas e sem riqueza material, embora as oportunidades fossem muitas. Exerceu a profissão de jornalista como poucos nesse país. Como um político, no sentido solidário e humano, foi um exemplo.

### » A frase que foi pronunciada

“Vamos aguardar que as melancias se acomodem na carroça.”

Ari Cunha

### » História de Brasília

Mais uma contra o povo, apresentada pela ponte Rio-Brasília. Se uma pessoa desejar interromper o percurso em Belo Horizonte, a passagem para o Rio ficará em Cr\$ 9.300,00, enquanto que o Viscount cobrava Cr\$ 8.700,00. (Publicada em 17/3/1962)

## A paz é a única forma de nos sentirmos seres humanos

» ISAAC ROITMAN

Professor emérito da UnB, pesquisador emérito do CNPq, membro da Academia Brasileira de Ciências e membro do Movimento 2022-2030 O Brasil e o mundo que queremos

O título do artigo expressa o pensamento de Albert Einstein. Estima-se que a primeira guerra ocorreu no ano 2525 antes de Cristo, na Suméria (sudeste do Iraque). Desde então há o registro de 14 mil guerras. Até hoje a civilização humana não conseguiu conviver pacificamente. Ao contrário, a indústria de armas avançou sob o ponto de vista tecnológico, desenvolvendo armas que nos conflitos resultam em mais vítimas em menos tempo.

Há menos de 100 anos, em 1945, os Estados Unidos lançaram bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, causando cerca de 120 mil mortos imediatos. Muitas pessoas foram vaporizadas instantaneamente com o calor da destruição. Outras, mais distantes do local da explosão, foram carbonizadas.

Um sobrevivente de 16 anos deu o seguinte depoimento: “Nunca esquecerei esse momento. Pouco depois das 8h da manhã, houve um estrondo, uma explosão reverberante e, no mesmo instante, um clarão de luz amarelo-alaranjado entrou pelo vidro do telhado. Ficou tudo tão escuro como noite. Um golpe de vento atirou-me no ar e a seguir no chão, contra as pedras. A dor estava apenas brotando quando o prédio começou a ruir em torno de mim. Aos poucos o ar se aclarou e eu consegui sair dos destroços. No caminho para um dos centros de emergência vi muita confusão. As ruas estavam tão quentes que queimavam meus pés. Casas ardiavam, os trilhos de

bonde irradiavam uma luz sinistra e no local de um templo pessoas se amontoavam.

“Algumas respiravam, a maioria estava imóvel. No pronto-socorro chegava gente correndo, as roupas rasgadas, chorando, gritando. Alguns tinham o rosto ensanguentado e inchado, outros tinham a pele queimada caindo aos frangalhos de seus braços e pernas. Em um bonde vi fileiras de esqueletos brancos. Havia também os ossos de pessoas que tentaram fugir. Hiroshima tinha se tornado num verdadeiro inferno.”

Cenário verdadeiro de horror. Que nunca mais se repita. Paz não é apenas a ausência de guerras, é também garantir que todas as pessoas tenham moradia digna, alimentos, roupas, educação de qualidade, acesso à cultura e lazer, assistência à saúde, amor, solidariedade e compreensão. Paz é cuidar do ambiente, garantir a qualidade da água, o saneamento básico, a despoluição do ar, o bom aproveitamento da terra. Paz é buscar serenidade dentro da gente para viver com alegria.

Para que a paz possa se tornar algo viável, palpável e possível de ser conquistada, é necessário começar a pensá-la como construção individual. Quando cada indivíduo percebe que o coletivo é fruto do individual, que uma sociedade pacífica se constrói com indivíduos pacíficos, tolerantes, desprovidos de preconceitos e atitudes discriminatórias, poderemos pensar na paz universal com mais esperança.

A conquista da paz exige também ações governamentais, que permitam condições mínimas de vivência digna, com perspectiva de futuro para as novas gerações, criação de emprego para a população jovem e adulta, pela não discriminação, incluindo nessas diferenças a religião, a raça, a opção sexual, o deficiente, o índio, o estrangeiro. Há que ser percebido que a diferença enriquece, acrescenta e aprimora. É importante, nesse aspecto, a educação em direitos humanos e na promoção dos valores éticos, desde a educação infantil até o ensino universitário.

O Brasil, com sua tradição pacifista, poderá ter um papel importante na paz mundial. A recente proposta pela paz do presidente Luiz Inácio da Silva é um bom exemplo. Brasília também pode desempenhar papel importante. Profetizada pelo sonho de Dom Bosco, Brasília carrega um legado espiritual e holístico. Há mais de 20 anos, a União Planetária, comandada pelo humanista Ulisses Riedel, tem como um dos principais objetivos a promoção da paz mundial.

Brasília é sede da Universidade Internacional da Paz, fundada por Pierre Weil e liderada pelo humanista reitor Roberto Crema. É no planalto que nossa embaixadora da paz Maria Paula Fidalgo materializa os sonhos de Dom Bosco. É nesse espaço privilegiado que poderemos ser protagonistas importantes para que a paz seja a única forma de nos sentirmos seres humanos.